

Reflexões sobre a concentração informacional no agronegócio (Editorial)

Nunca a informação foi tão concentrada na Internet. A convergência tecnológica e a junção de mídias diversas em uma só (a Internet) de fato abriram – e ainda abrem – novas perspectivas comunicacionais. No entanto, a difusão do discurso sobre uma ideia que qualquer pessoa tem acesso a uma diversidade de informações com as novas tecnologias informacionais é, em parte, uma falácia.

O acesso pode existir, ainda que este também seja uma questão em debate. Todavia, diante do processo de concentração midiática, a diversidade fica comprometida, pois as informações partem, grosso modo, da mesma fonte. Trata-se da concentração informacional, situação em que um pequeno número de agentes (*e.g.* empresas, governos e indivíduos) detém um controle significativo sobre a produção, distribuição e acesso à informação.

Essa concentração pode ser resultado de fusões e aquisições no setor de mídia, ou de políticas governamentais que favorecem grandes conglomerados. Ou ainda, quando há a adoção massiva de plataformas digitais que agregam serviços e distribuem conteúdos especializados.

No contexto do agronegócio – setor que delimita o escopo das pesquisas divulgadas pela Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar (RECoDAF) – os efeitos na dinâmica das relações econômicas entre os agentes estão se tornando cada vez mais latentes e isso se deve principalmente a concentração corporativa ocorrida nos sistemas agropecuários nos anos 1980, derivada da centralização horizontal e da integração vertical nas principais cadeias de suprimento.

No que se refere aos efeitos informacionais desse fenômeno, é importante ressaltar que o controle corporativo das *Big Foods* sobre conjuntos de dados e outras inovações tecnológicas enfraquece o acesso dos pequenos agricultores às informações essenciais para sua sobrevivência no mercado (*e.g.* opções de produção e novas técnicas de manejo), o que retroalimenta ainda mais a concentração corporativa do setor.

Neste contexto, este editorial chama a atenção para a potencial existência de uma interseção entre oligopólios – *Big Foods* e *Big Techs* – com o objetivo de estabelecer controle sobre maquinário, reprodução de animais, produtos farmacêuticos e outros insumos do sistema alimentar global. Dessa forma, a digitalização e o uso de *big data* estão se tornando mais valiosos que os próprios alimentos, ameaçando práticas agrícolas locais e sistemas de conhecimento tradicionais.

Em convergência com os novos desafios informacionais que se apresentam aos pequenos produtores, o segundo número do décimo volume da RECoDAF apresenta resultados de pesquisa em consonância com as reflexões sobre a concentração informacional no setor, como, por exemplo, no artigo intitulado *Etnoconhecimento e uso de plantas medicinais: Uma revisão bibliográfica e seus norteadores legais para a prática da saúde no Brasil* (Gomes et al., 2024), o que reforça a importância do conhecimento tradicional para os sistemas agrícolas e representa um importante contraponto a disseminação massiva de técnicas genéricas adotadas cegamente pelo mercado.

E no artigo intitulado *O papel da extensão rural como difusora de informação: Um estudo sobre a comunicação de práticas agropecuárias sustentáveis* (Pivetta et al., 2024), os autores tratam sobre um pilar fundamental no contexto da concentração informacional no agronegócio que é o papel da extensão rural. Estes agentes têm como papel difundir o conhecimento técnico produtivo principalmente entre pequenos produtores, buscando amenizar os problemas da assimetria informacional, um dos principais efeitos da concentração informacional no setor.

Esperamos que esta reflexão inicial instigue os estimados leitores a acessarem os resultados publicados nesta edição e desejamos uma boa leitura a todos.

Fábio Mosso Moreira e Fernando de Assis Rodrigues

– Editores